

Editorial

editorial

A *História da Historiografia* promove neste novo número a recordação da vida e da obra de Manoel Luiz Lima Salgado Guimarães (1952-2010). Nos seus cinco anos de existência, é a primeira vez que na revista se consagra um espaço tão revelante a um único indivíduo. Para quem porventura não tenha tido o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, as contribuições aqui reunidas sob a segura coordenação de Temístocles Cezar e Rodrigo Turin dão bem a ideia de um profissional exemplar, que marcou os seus pares tanto pelos escritos inovadores, criteriosos e empenhados na reflexão sobre o papel social da história, como pela intensa atividade de docência e orientação de jovens talentos. Pouco mais de duas décadas bastaram-lhe para formar cerca de 30 mestres e 22 doutores. Uma parte desses discípulos e alguns candidatos de provas que avaliou comparecem agora a prestar-lhe tributo e valorizar o seu rico legado.

A natureza de semelhante operação poderia ser ela própria enunciada entre os motivos do texto de Rodrigo Turin em torno das proposições de Peter Szondi. É, no entanto, Durval Muniz de Albuquerque Júnior que, num quase depoimento, se encarrega de resumir os diversos aspetos de toda a herança de Manoel Salgado, sublinhando que nela se deve buscar estímulo para outros trabalhos. Assim justamente procedem Francisco Régis Lopes Ramos e Aline Montenegro Magalhães, Maria da Glória de Oliveira, Pedro Afonso Cristovão dos Santos, Marcia Naxara e Fernando Nicolazzi, em artigos que ora procuram um diálogo direto com algumas das mais marcantes proposições do homenageado sobre a cultura material, o ensino e a escrita da história, ora se servem de breves *insights* ou sugestões, para propor abordagens originais na releitura de autores menos citados. Completam o dossiê a tradução de um texto recente de François Hartog a propósito das diferentes presenças da *Retórica* e da *Poética* de Aristóteles nas obras de Paul Ricoeur e Carlo Ginzburg, e um muito instigante trabalho de Francisco Murari Pires acerca dos fundamentos de autoridade sobre o afamado “paradigma indiciário”: contributos que se iluminam mutuamente e reavivam a vontade de frequentarmos com maior insistência a lição dos clássicos greco-romanos. Tendo em conta os argumentos esgrimidos, apetece, aliás, recordar, com Hans-Georg Gadamer, que Aristóteles chegou a referir de passagem a tripartição da *philosophia* em “teórica”, “prática” e “poética”. Por esse caminho, talvez se consiga recuperar de uma maneira menos polémica, para a velha estirpe da história, a centralidade da hermenêutica. É provável que Manoel Salgado não se opusesse.

Dentre os artigos que compõem a secção de contribuições genéricas, volta a haver um encontro com Aristóteles, e curiosamente, também, por via alemã, no trabalho de Renata Sammer. André Fabiano Voigt prefere convidar o leitor a uma reflexão ancorada em autores franceses, que antes e depois de Braudel debateram o problema da descontinuidade do tempo, tão fecundo em implicações de cunho político. Sergio Mejía surpreende a mudança de um paradigma historiográfico continental na obra do boliviano Gabriel René Moreno. Por fim, Flavia Renata Machado propõe-se a interpretar o romance *Terra Sonâmbula* do moçambicano Mia Couto como uma voz alternativa à da historiografia sobre o período da guerra que se seguiu à independência de Portugal. Quatro propostas

que avançam para além do Brasil, compreendendo três continentes e, com eles, três oceanos.

A secção de resenhas prossegue a tendência para a apresentação e análise de livros que, no seu todo, extrapolam os limites estritos da história e da historiografia, para se abrirem à literatura, à filosofia e às ciências da sociedade. Muito embora a maioria dos títulos escolhidos seja nacional, voltam aqui a não estar ausentes os estrangeiros, pelos olhos de Marlon Salomon e Marcos Antônio Lopes. O primeiro debruça-se sobre uma recente entrevista que Jacques Rancière concedeu a Dork Zabunyan, estudioso de cinematografia, e Laurent Jeanpierre, professor de Ciência Política. O segundo apresenta a tradução brasileira do mais recente grande livro de um dos fundadores do chamado *New Historicism*: Stephen Greenblatt. Nessa nova história do Renascimento, dá-se lugar de destaque a Gian Francesco Poggio Bracciolini, homem de letras, acadêmico e humanista que no seu tempo se notabilizou pela redescoberta de manuscritos antigos em institutos monásticos do Sacro Império Romano-Germânico, do reino da França e da Confederação Helvética. No mundo de língua portuguesa, seria igualmente interessante relembrar que se trata do autor do mais expressivo elogio erudito de que foi alvo o filho terceiro do fundador da dinastia de Avis, infante D. Henrique, mais conhecido como “O Navegador”, por patrocinar a exploração da costa africana ao sul das Canárias, desde o cabo Bojador até à Serra Leoa. Afinal, tão criticável como o nacionalismo acadêmico será certamente o seu reverso, travestido de cosmopolita.

A partir de 2014, os dossiês temáticos da *História da Historiografia* restringir-se-ão ao último número de cada ano. O próximo, sob o título “Historicidade e Literatura”, organizado por Henrique Estrada Rodrigues (PUC-Rio) e Verónica Tozzi (UBA), tem chamada já disponível, com prazo de entrega de manuscritos até ao dia 3 de Agosto. Renova-se entretanto o convite para a submissão de propostas de artigos, resenhas, entrevistas, textos e documentos historiográficos que respeitem o tema geral da revista, não esquecendo as propostas de leitura que regularmente se publicitam na sua página eletrônica.

9

Pelo Conselho Editorial
Tiago C. P. dos Reis Miranda (CHAM/ FCSH-UNL)